

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica (A.M.)

Class.: 15

Data 19 de abril de 1980

Pg.: _____

ATO PÚBLICO FECHA SEMANA DO ÍNDIO

Ato Público às 18 horas na Praça 14, encerra hoje a "Semana do Índio" promovida pelo CIMI (Conselho Missionário Indígena) e Grupo Kukuro de Apoio à Causa Indígena.

Grupos locais de música, vão se apresentar no local.

Iniciada domingo passado, com a "Missa da Terra Sem Males", na Catedral de Manaus a Semana do Índio prosseguiu no auditório do Sesi, com palestras, debates, exibição de filmes e apresentação de um show musical, realizado quarta-feira passada.

Ontem, deveria ter sido exibido o filme "Terra de Índios", mas, segundo informações dos organizadores da Semana, devido atraso na inauguração do Cine Chaplin, terminou transferido para o próximo dia 25, no mesmo local.

ATO PÚBLICO

Ao destacarem que a presença da população é fundamental no Ato Público de hoje às 6 horas da tarde, na Praça 14, Cimi e Kukuro anunciaram para o encontro, presença de grupos musicais e manifestações a serem feitas por elementos ligados à Causa Indígena.

Em todas as manifestações ocorridas durante a semana, foi contestado o projeto que prevê a construção de uma estrada ligando Maués a Itaituba. Cinco Tuxauas dos Sateré-Maué, que possuem terra onde a estrada deve passar, condenaram violentamente a intensão de construção da rodovia em seu território. Eles estiveram em Manaus, quarta-feira passada e viajaram no dia seguinte a fim de participar de uma Assembleia Indígena, no Território de Roraima.

FORUM DA AMAZÔNIA (FAM) — ESCLARECIMENTO AO POVO-VI

(Documento para debates e aprofundamento de estudos sobre a POLÍTICA INDÍGENA BRASILEIRA e OS PRECONCEITOS e TABUS ANTÍNDÍGENAS ALIMENTADOS PELO BRANCO)

A formulação do capítulo de hoje, com o objetivo de apresentar uma alternativa humana e politicamente viável para o índio, colocamos em evidência a tese do indigenista autônomo Paulo Lucena — membro deste Fórum de Debates com a ressalva de que o assunto será objeto de maiores estudos por parte do FAM, com a participação de antropólogos, missionários, teólogos, professores, sociólogos, políticos e outras pessoas. Interessadas no assunto. Paulo Lucena é autodidata e estudioso das causas amazônicas, e há mais de uma década dedica-se a investigações junto a tribos indígenas da região tendo, a partir de 1974, vivido na zona do alto Solimões e Vale do Javari, onde mantém contatos com as tribos dos marubo, nanyuna, korina, kanemari e tukuna. Lucena também é autor do texto deste documento seriado, que teve início por ocasião da Semana do Índio deste ano — 1980.

Passemos à tese proposta.

— Qualquer raciocínio sobre o índio amazônico, se quisermos atingir a essência da questão, não podemos esboçá-lo estabelecendo a dicotomia homem-ambiente — índio-floresta ou antropologia-ecologia, pois, o índio é, indubitavelmente, uma espécie de síntese geantropológica de própria contextura florestal da Amazônia, guardião legítimo do complexo ontológico e último aceno vivo e inteligente que a natureza esboça no meio do universo amazônico.

Há que raciocinarmos, não é reconsiderando seus verdadeiros valores étnicos, culturais, espirituais e vivenciais — como povos detentores, de fato, de conhecimentos acumulados durante pelos menos trinta séculos, que sobre o poderão contribuir à solução de muitos problemas nossos, especialmente em relação à própria Amazônia e à nossa sobrevivência harmônica neste ambiente; como também em termos de Amazônia como um elo da cadeia alimentar do Planeta e fator intrínseco do equilíbrio ecológico, telúrico e climático do nosso hemisfério terrestre.

Por outro lado, é oportuno considerar que, pelas próprias singularidades etno-culturais e geantropológicas já estudadas neste trabalho, as perspectivas históricas, evolutivas e sociológicas do índio amazônico não correspondem à fenomenologia tradicional dos povos antigos como o hebraico, o romano, o babilônico ou o grego, ao contrário da analogia que alguns pensadores e antropólogos acadêmicos pretendem estabelecer, justificando os nossos próprios estereótipos e mitos anti-indígenas. Isto porque a fenomenologia evolutivo-histórica dos povos antigos mencionados constitui-se a partir de uma realidade geantropológica sociológica e política em que o homem de então já houvera, desde tempos imemoriais, divorciando-se da natureza, e praticamente rompido seus laços com as forças cósmicas transcendentes, ou seja, a dicotomia homem-ambiente já era fato concreto nos quadrantes da Grécia, da Babilônia, de Roma e da Judéia, o que não é absolutamente o caso, até aos dias presentes, do Índio amazônico.

Este aspecto da história universal é fundamental ao estudo das perspectivas do índio amazônico e, porque não dizer, do aborígene panamericano ou ameríndio que, em seus regimes tribais isolados,

nas florestas, prados e montanhas do continente (os raros que ainda restam do grande massacre), permanece prodigiosamente na inferência perceptual em pleno alvorecer do Século XXI, não querendo isto dizer que o índio esteja "atrasado" no evoluir da espécie humana.

Quem pode afirmar categoricamente que nosso processo civilizatório, que depreda o ambiente, gera a miséria, a prostituição, as "doenças de branco", o terrorismo e dezenas de outros flagelos cada dia mais acentuados, seja um estágio "adiantado" ou "atrasado" de aperfeiçoamento humano?

O que acho que não deveríamos fazer era impor fórmulas unilaterais e etnocêntricas no confronto com as sociedades tribais indígenas, sejam quais forem as razões de "segurança nacional" ou "soberania estatal". Nosso comportamento político em relação aos índios tem sido realmente desumano e bárbaro, em nome de privilégios capitalistas e latifundiários, esmagando povos inteiros num verdadeiro festival de genocídios e etnocídios!

Na aproximação e na intimidade com a natureza, é que está todo o segredo da comunhão e da harmonia fenomenal do índio no meio das intempéries e hostilidades equatoriais do "Inferno verde". Inferno para o civilizado que teme em não querer admitir e pesquisar, com humildade e desprendimento, tais segredos que têm guardada na capacidade, na sabedoria e nos valores acumulados do índio.

A grande questão gira, efetivamente, em torno do profundo e secular etnocentrismo que alimentamos desde os arcanos coloniais, pressupondo que os nossos padrões e valores sejam os racionais e corretos, e procurando impor ao índio nossos próprios modelos e arquétipos civilizatórios.

A terrível problemática quanto aos índios, por nós criada e desencadeada na base desses preconceitos, somente será condignamente a partir do momento em que reconhecermos que a grande questão indígena, especialmente na Amazônia, é um assunto essencialmente político, geantropológico e diplomático, cujo corolário é a necessidade inadiável do estabelecimento de um plano nacional de integração multirracial, sob o conceito formal do princípio de pluralidade étnica e respeito absoluto à soberania territorial, à autonomia política, etno-cultural e sócio-econômica das comunidades indígenas, tudo isto sob a mesma bandeira nacional e os mesmos conceitos constitucionais de nacionalidade e civismo; e nunca forçada "integração do índio à comunhão nacional" de modo impositivamente individual, draconiano e paternalista, conforme é feito tradicionalmente pelo Governo, em detrimento da integridade cultural, da paz social e da estabilidade e sobrevivência de cada comunidade indígena em particular, numa flagrante violação dos mais elementares direitos que cada povo tem em decidir sobre seu próprio destino.

É uma imperdoável incoerência histórica de nossa parte, e absoluta falta de respeito à dignidade humana, agirmos no sentido de "atrair", "pacificar" ou "amansar" índios (como se índio fosse macaco) — esses senhores da natureza que, no seu habitat milenar, originalmente, já vive em paz consigo mesmo, em harmonia com seu ambiente, e em equilíbrio com a natureza, constituindo fenomenologia sui-generis em todo o contexto antropológico e existencial da humanidade.